

arquivo



administração

PUBLICAÇÃO OFICIAL
DA ASSOCIAÇÃO DOS ARQUIVISTAS BRASILEIROS
V. 10-14 N. 1 — abril de 82 a agosto de 86

Breve notícia sobre a mudança do arquivo nacional.
Automação de arquivos
Recursos humanos em arquivologia

Revista de divulgação da
Associação dos Arquivistas
Brasileiros

Conselho Editorial
Eloisia Helena Riani
Helena Corrêa Machado
José Lázaro de Souza Rosa
José Pedro Pinto Esposel
Maria Luíza S. Dannemann
Redatora-Chefe
Maria Amélia Gomes Leite
Secretária
Maria Odila Kahl Fonseca
Editoração
Edições Achiamé Ltda.
Av. 13 de Maio, 13 s/1010
Rio de Janeiro - RJ

Correspondência para
Arquivo & Administração
Pr. de Botafogo, 186, sala B-217
22253 Rio de Janeiro - RJ
Tel. 551-0748

Distribuição: AAB
Desejamos permuta
Deseajmos permuta
Nous desirons échange
We are interest in exchange

Sumário

Editorial 2
Breve notícia sobre a mudança
do arquivo nacional 3
O respeito aos fundos em
arquivística: Princípios
teóricos e problemas
práticos 14
Avaliação e seleção de
fotografias 34
Automação de arquivos 41
Recursos humanos em
arquivologia 48
Demonstração de resultado
(1981 a 1985) 63

ASSOCIAÇÃO DOS ARQUIVISTAS BRASILEIROS

Diretoria 1985-1987
Presidente:
Jaime Antunes da Silva
Vice-Presidente:
José Maria Jardim
1º Secretário:
Helena Dodt Ferrez
1º Tesoureiro:
Helena Moesia de Albuquerque
2º Tesoureiro:
Elisana Balbina Flora Sales

Conselho Deliberativo
Efetivos:
Célia Reis Camargo
Helena Corrêa Machado
Janine Resnikoff Diamante
José Pedro Pinto Esposel
Lia Temporal Malcher
Maria Amélia Gomes Leite
Maria de Lourdes da C. e Souza
Marilena Leite Paes
Regina Alves Vieira

Suplentes:
Eloisia Helena Riani
Jerusa Gonçalves de Araújo
Maria Odila Kahl Fonseca
Maura Esândoia Quinhões
Paulo Carvalho
Paulo de Tarso R. Dias Paes
Leme

Conselho Fiscal:
Fernando Campos Salinas
José Lázaro de Souza Rosa
Lucia Maria de Oliveira

Suplentes:
Marilucia Ribeiro da Silva
Norma de Góes Monteiro

Os artigos assinados são de
inteira responsabilidade dos
respectivos autores e não
expressam necessariamente
o pensamento da Associação dos
Arquivistas Brasileiros ou dos
redatores de
Arquivo & Administração.
Permitida a reprodução de
artigos desde que seja
observada a ética autoral que
determina a indicação da fonte.

Arquivo & Administração v. 1- n. 0- 1972-
Rio de Janeiro, Associação dos Arquivistas Brasileiros.
v. ilustr. 28 cm semestral
Publicação oficial da Associação dos Arquivistas
Brasileiros
1. Arquivos - Periódicos. 2. Administração - Periódicos.
I. Associação dos Arquivistas Brasileiros.

CDD 025.171

Este periódico está registrado na SCDP-SR/GB do DPF, sob o nº 397/D. 20.493/46

Arq. & Adm.	Rio de Janeiro	v. 10-14	n.1	p. 1-64	abr. 1982/ago. 1986
-------------	----------------	----------	-----	---------	---------------------

PER

Reso. 70374

vol 2

documentos destinados à preservação. A presença de um fotógrafo nessa comissão será sempre indispensável para que se possa contar com o seu parecer sobre a qualidade técnica da foto. Os demais integrantes devem ser designados em função do conteúdo específico do material a ser avaliado. Assim, um acervo que contenha fotos que retratem doenças tropicais só poderá ser avaliado corretamente por um ou mais médicos especialistas na matéria, além de um fotógrafo. De uma maneira geral, será sempre preferível que os membros escolhidos para integrar a comissão estejam familiarizados com as práticas de pesquisa relativas às áreas de conhecimento a que pertencam. É bom lembrar que os objetos de estudo são múltiplos e, por isso mesmo, a tarefa de identificá-los torna-se difícil. Se os profissionais encarregados da seleção tiverem em mente essa preocupação, estarão, em princípio, capacitados a assumir um trabalho que envolve enorme responsabilidade para com a atual e também para com a futura geração de pesquisadores.

CONCLUSÃO

Por se tratar de uma forma de registro recente, a fotografia ainda não mereceu a devida atenção dos estudos referentes à avaliação e seleção de documentos. De outro lado, é recomendável a aplicação para fotografias das práticas já consagradas de descarte de documentos escritos, devido aos riscos de uma avaliação imprecisa e equivocada. A maior vulnerabilidade do papel fotográfico e a sua linguagem peculiar exigem que se proceda a uma análise de sua problemática específica.

Este trabalho pretendeu apenas levantar algumas questões sobre avaliação e seleção de fotografias, tema que se constitui em objeto de preocupação para aqueles que trabalham com arquivos fotográficos. Sendo de caráter preliminar, é passível de críticas e reformulações. Terá, porém, cumprido um de seus objetivos, na medida em que as críticas recebidas contribuam para o amadurecimento das reflexões sobre o tema.

BIBLIOGRAFIA

- BAUDOT, M. Les Triages et éliminations. In: FRANÇA. Direction des Archives de France. *Manuel d'archivistique*. Paris, Imprimerie Nationale, 1970. p.161-186.
- KOSSOY, Boris. *A Fotografia como fonte histórica*. Introdução à pesquisa e interpretação das imagens do passado. São Paulo, Museu da Indústria, Comércio, Ciência e Tecnologia, 1980. 51p.
- MACHADO, Helena Correa. Principais critérios de organização de arquivos. *Arquivo & Administração*, Rio de Janeiro, 3 (1): 6-13, abr. 1975.
- MURAKAMI, Ana Maria. *O Acervo fotográfico do CPDOC/FGV*. Rio de Janeiro, FGV/CPDOC, 1980, 9f. dat. Trabalho apresentado no I Seminário sobre Arquivo Fotográfico promovido pela FUNARTE, de 25-29 ago. 1980.
- OLIVEIRA, João Sócrates de. *Manual Prático de Preservação Fotográfica*. São Paulo, Museu da Indústria, Comércio, Ciência e Tecnologia, 1980. 47p.
- PAES, Marilena Leite e MARQUES, Eloísa Helena Riani. Arquivos fotográficos, *Arquivo & Administração*, Rio de Janeiro, 5 (2): 8-15, ago. 1977.
- PAES, Marilena Leite. *Teoria prática de arquivo*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1978. 119p. I Seminário sobre Arquivo Fotográfico promovido pela FUNARTE, de 25-29 ago. 1980.
- SOARES, Nilza Teixeira. Avaliação e seleção de documentos de arquivo: problemas e soluções. *Arquivo & Administração*, Rio de Janeiro, 3 (3): 7-14, dez. 1975.

AUTOMAÇÃO DE ARQUIVOS*

Jannice de Mello Monte-Mór**

Resumo

A utilização de computadores em arquivos visando à rápida e precisa recuperação da informação. O preparo de índices alfabéticos, o tratamento de grandes massas documentais com características similares e a elaboração de guias referentes a fundos arquivísticos, como atividades que, comprovadamente, podem e vêm sendo desenvolvidas com o emprego da automação. Arquivos e bibliotecas de todo o mundo que vêm aplicando o processamento de dados a seus acervos e explicações dos métodos adotados.

I - INTRODUÇÃO

Em primeiro lugar, desejo agradecer à Presidência da Associação dos Arquivistas Brasileiros, Sra. Lia Temporal Malcher, que também é Diretora deste Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, no qual tenho a honra de participar como membro da Associação de Amigos, a gentileza do convite para apresentar esta exposição, já que, rigorosamente, não pertenço à comunidade dos Arquivistas.

Esta reunião tem, entre outros, o privilégio de contar com a presença ilustre, como Coordenadora da Mesa, da Dra. Célia Ribeiro Zaher, em boa hora convidada pelo Governo Federal para assumir a Direção da Biblioteca Nacional.

É justo, neste momento, evocar e destacar a atuação da Dra. Célia Zaher na UNESCO. Isto pode ser sintetizado através de uma única lembrança, a da sigla NATIS (9). NATIS é uma bandeira, NATIS é uma filosofia de trabalho, NATIS significa *cooperação*: coordenação nacional de bibliotecas, centros de documentação e de arquivos. É o que se começa a vislumbrar, hoje, no Brasil, onde o Sistema Nacional de Arquivos foi estabelecido e é liderado pelo Arquivo Nacional; onde o Sistema de Bibliotecas do Ministério da Educação e Cultura começa a tomar corpo sob a liderança da Biblioteca Nacional.

O termo *cooperação* continua como palavra de ordem, como palavra-chave, certamente, representando a única solução para a obtenção, em tempo útil, de conhecimento sobre a produção intelectual mundial; possibilitando a racionalização do tratamento dos documentos (originais ou impressos) em todos os países; facilitando o uso da documentação existente; enfim, incentivando a difusão da educação e da cultura entre os povos.

*Trabalho apresentado no Seminário *Tecnologia, Administração e Arquivo*, promovido pela AAB de 24 a 26 de março de 1982, na sessão dedicada a Arquivos e Processamento de Dados.

**Assessora da Presidência da Fundação Getúlio Vargas.

Como todos sabem, nesta segunda metade do século XX, a revolução tecnológica progrediu, gerando modificações significativas nas técnicas empregadas no tratamento e difusão das informações. O computador, a telecomunicação, a reprografia passaram a ter lugar de destaque nas atividades de bibliotecas, arquivos, museus e centros de documentação em geral.

Assim, nas bibliotecas, com o uso de computadores e da tecnologia complementar, passaram a ser agilizadas as atividades-meio, resolvendo, de forma mágica, os problemas de processamento técnico dos documentos, o que irá facilitar, aos estudiosos em geral, a obtenção das informações desejadas. Diz a UNESCO "que o acesso aos documentos é capaz de permitir uma ação nacional e internacional integrada", o que apressará, sobremaneira, o estabelecimento de "uma sociedade bem informada" e, portanto, capaz de produzir seu próprio desenvolvimento e independência econômica.

II - PANORAMA DA AUTOMAÇÃO DE ARQUIVOS

A automação de bibliotecas, já largamente difundida, com ressonância em todo o território nacional, precedeu a automação de arquivos. No entanto, também a comunidade arquivística, tanto a de usuários, como a de administradores, demonstra, com expressiva evidência, sua convicção de que os computadores representam inestimável instrumento, do qual, sem demora, necessitam lançar mão.

Um informe apresentado ao Congresso Internacional de Arquivos (11), realizado em Moscou, em 1972, mostrou que "os usuários de arquivos em todos os países querem dispor de meios de recuperação, tanto quanto possível pormenorizados, a fim de que as informações desejadas sejam conseguidas de maneira rápida e precisa".

Por outro lado, um ligeiro levantamento bibliográfico nos diz que mais de 25 países já estão utilizando os novos instrumentos que a tecnologia oferece para a preservação e a automação dos arquivos.

Como regra geral, a preparação de índices alfabéticos de nomes de pessoas e de lugares e o tratamento de um grande número de documentos que apresentem características similares vêm sendo a base da atividade de automação dos arquivos. Assim também, os guias dos fundos arquivísticos podem muito bem ser produzidos por processamento de dados, com sua atualização corrente garantida, em lugar dos tradicionais inventários impressos que, freqüentemente, já vêm a público desatualizados. Esse tipo de trabalho vem sendo realizado pelo British Public Record Office, que criou vários subprodutos a partir de um mesmo banco de dados. O sistema inglês, PROSPEC, é baseado no INSPEC (*Information Services in Physics, Electrotechnology, Computers and Control*) e produz edições atualizadas do *Guide to the contents of the Public Record Office*. Nos Estados Unidos e na Alemanha, tiveram início sistemas semelhantes.

No entanto, o esforço de se colocar em máquina dados relativos a um conjunto de documentos com o objetivo de fazer a recuperação das informações que contêm, pelo processo da Álgebra de Boole, com seleção de termos, conceitos e conexões, só se justifica se a demanda esperada for muito grande e, ao que parece, não é esse o caso dos arquivos de documentos históricos. A menos que o acervo pertença a um grande órgão central que funcione, por exemplo, para o atendimento a outros órgãos do Governo, da imprensa, ou como entidade de informação em nível internacional.

Como todos os outros ramos da administração pública, os arquivos, antes de tomarem qualquer deliberação sobre utilização de processos automatizados, terão que examinar seus recursos com base em um estudo de custo/benefício. Nesse caso, importante será

levar em consideração que com esses métodos refinados de processamento, o usuário recebe informações mais completas e de forma mais rápida.

Nos Estados Unidos, o panorama apresenta-se como se descreve a seguir. Na Biblioteca do Congresso, a partir de 1966, desenvolveu-se, em computador, um sistema voltado para a administração e o controle dos acervos das coleções de manuscritos. Não tinha, portanto, o objetivo de recuperação da informação para atender ao pesquisador. Trata-se do *Master Record of Manuscript Collection (MRMC)*. Através desse sistema a *Library of Congress* controla aproximadamente 8.500 coleções, compostas de cerca de 33.873.879 itens (até setembro de 80). De todas as coleções, alguns campos de informação foram selecionados para posterior recuperação, o que é feito pelo título, datas específicas dos documentos e dos períodos das coleções, com indicação das dimensões, localização, profissão ou ocupação da pessoa ou organização da qual se originou, estágio de processamento, número da ficha no *Catálogo Coletivo Nacional de Coleções em Manuscritos*, existência de cópias em microfilme, estatística de consulta pelos usuários, pedidos de fotocópia e empréstimo entre bibliotecas. Todos esses itens são recuperáveis e listagens estatísticas podem ser produzidas, mensal ou anualmente.

Na Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos, Divisão de Manuscritos, assim como no Arquivo Público do Canadá, onde também se desenvolve um sistema de automação de arquivos, raramente se tem aplicado a indexação item por item, com respectiva recuperação por assuntos.

Posteriormente, na mesma Biblioteca do Congresso, numa segunda etapa de estudos de processamento automatizado de manuscritos, foi feita uma adaptação do Formato MARC (6), usado para o registro automatizado de monografias e de publicações periódicas, para alcançar os objetivos especiais da Divisão de Manuscritos. Esse novo sistema armazena e imprime entradas de catalogação e pode também produzir índices especiais, sob temas gerais. O MARC foi planejado e pode ser usado como veículo de transmissão de dados, com objetivos múltiplos e amplos. Esses novos estudos substituem aqueles da fase administrativa do MRMC. Em anexo, são reproduzidos alguns produtos do MARC/Manuscritos, bem como o respectivo *formulário de entrada*.

Nesse subsistema do MARC, para manuscritos, todos os registros produzidos no computador, até o momento, constituem um banco de dados especial, que ainda não está disponível *on line*.

Outro projeto da automação de arquivos, em uso nos Estados Unidos e no Canadá, é o chamado SPINDEX. Teve suas origens em 1966, também na Biblioteca do Congresso, porém foi desenvolvido, mais tarde, no *National Archives and Records Services (NARS)*, passando a constituir o SPINDEX II (8), resultado de um trabalho de cooperação de muitas instituições americanas. No *National Archives*, o SPINDEX II vinha sendo usado no preparo de listas e índices dos expedientes do Congresso Continental e da Convenção Constituinte de 1774 e 1789 e no inventário dos microfilmes dos documentos alemães da II Guerra Mundial.

No entanto, a partir de 1976, o *National Archives* abandonou o uso do SPINDEX II e desenvolveu um outro sistema, o NARS A-1 (2), com os seguintes objetivos fundamentais: 1) manter atualizado e, em máquina, o controle administrativo das coleções existentes; 2) registrar em computador, de acordo com um formato padrão, e num sistema hierárquico de *endereçamento*, todas as indicações das séries existentes. Também nesse sistema, não houve a preocupação do controle intelectual das coleções (item a item, com recuperação por assunto). A indexação por assunto não foi considerada prática, "porque um dicionário de termos teria que ser desenvolvido e aplicado sistematicamente a todos os resumos descritivos das séries". No caso específico do *National Archives*, isso

tornaria inaproveitável todos os resumos já existentes e exigiria, segundo as estimativas feitas, o triplo do tempo para a realização dos novos resumos, controlados por um vocabulário previamente definido pelos arquivistas. Alegam que a automação foi admitida para acelerar o trabalho de identificação das séries e não para retardar esse trabalho. Além disso, insistem em dizer que o A-1 foi definido com o objetivo de controle administrativo, não de controle intelectual dos registros.

O estudo do Sistema NARS A-1 custou cerca de 70 mil dólares (4 e meio homens/ano).

Não há um banco de dados *online*. O Arquivo Nacional usa um computador da *General Services Administration (GSA)*, outra entidade do governo federal americano, e opera pelo processo *batch*. No entanto, foi adquirido um minicomputador para uso interno do Arquivo. Assim, parte das rotinas está sendo executada *online* e alguns dados estatísticos também podem ser gerados dessa forma.

Com quatro digitadores, esse sistema calcula que, em média, 6 mil resumos descritivos de séries podem ser registrados no computador, por ano. Foram consideradas dez linhas por resumo, de 50 caracteres por linha.

Os produtos são providenciados pelo próprio *National Archives* que ou os imprime em papel, a partir das fitas magnéticas geradas pela GSA em seu minicomputador, ou contrata firmas comerciais para gerarem produtos em microfichas (COM).

Note-se que o Sistema NARS A-1 está sendo, ainda, constantemente alterado. Depois de três anos de experiência, da constituição do banco de dados dos resumos descritos das séries, a média de produção é considerada insatisfatória, extremamente lenta.

Essa experiência de automação no Arquivo Nacional americano leva a crer que a automação de arquivos deve ser estudada com muito cuidado.

Tem-se notícia, também, de que foi constituída, nos Estados Unidos, uma *National Information Systems Task Force*, que está empenhada no planejamento de um sistema geral para arquivos.

Observe-se, entretanto, que no que concerne à organização da biblioteca do Arquivo Nacional americano, ou seja, para a catalogação das monografias e dos periódicos existentes em sua biblioteca, o *National Archives* se utiliza da grande rede automatizada de serviços bibliográficos daquele país, ou seja, o OCLC (*Online Computer Library Center*), localizada em Ohio.

III – ALGUMAS CONSIDERAÇÕES PARA ESCOLHA DE UM SISTEMA DE AUTOMAÇÃO DE ARQUIVOS

Segundo Nancy Sahli (13), da *National Historical Publications and Records Commission (NHPRC)*, dos Estados Unidos, que tem participação de reuniões nacionais, inclusive com a Associação de História Oral daquele país, algumas questões-chave devem ser resolvidas, antes da escolha de um sistema para automação de arquivos. Algumas delas são reproduzidas a seguir:

– Será que existem elementos comuns a serem considerados no momento da elaboração de instrumentos de pesquisa de arquivos, independentemente do tipo do material a ser descrito ou catalogado? Parece que, tecnicamente, já está sobejamente demonstrado que sim. Certas categorias como: autor, título, data (ou período) e volume são denominadores comuns. Nos Estados Unidos, tanto a *Society of American Archivists (SAA)*, como a NHPRC, fizeram estudos, com base em análise de inventários e guias de arquivos existentes e chegaram a essa conclusão.

– O conceito de *hierarquia*, em descrição de coleções e organização de arquivos pode ser aplicado, uniformemente, a qualquer tipo de material?

Vários níveis hierárquicos devem ser considerados como itens de recuperação, por exemplo: o nível hierárquico relativo à esfera administrativa do país, como o federal, o estadual e o municipal. Assim também os níveis hierárquicos relativos à origem dos acervos: o fundo, a coleção, a série, etc.

– O sistema de guarda física do material nos arquivos deve ser levado em consideração, de tal forma que a descrição da localização seja, o quanto possível, normalizada. Há pouca cooperação entre os arquivos, de forma que cada um desenvolve suas próprias soluções relativas à guarda das coleções.

– Existem instrumentos de busca, guias de pesquisa e de informação em arquivos. Onde encontrá-los? Onde encontrar uma bibliografia nacional de tais fontes de referência? Qual foi o resultado do uso dessas fontes? A informação que oferecem é satisfatória? Sua atualização costuma ser providenciada?

Torna-se necessária a existência de um Centro referencial, onde esses instrumentos possam ser facilmente localizáveis.

No âmbito de arquivos, é muito importante que o sistema de automação a ser adotado seja compatível para todo tipo de material, pois a diversificação do suporte informativo se multiplica de forma muito rápida. Assim, o sistema deve acomodar tanto a catalogação de monografias como a de periódicos, de analíticas de periódicos, como a de manuscritos isoladamente, como de coleções e fundos arquivísticos, mas também: fotografias, mapas, fitas gravadas, fitas magnéticas, etc.

Se, por um lado, a cooperação entre os arquivos é desejável e necessária e, portanto, se a normatização de procedimentos é aconselhável, por outro, o material de arquivo, sendo peculiar, exige, em muitos casos, do sistema de automação, flexibilidade bastante para acomodar variações individuais. Desde que essa possibilidade de tratamento peculiar não afete o objetivo maior, de compatibilidade de uso por várias entidades, esse atendimento particular deve, também, ser facilitado.

Outro ponto importante a ser levado em consideração é a documentação de uso do próprio sistema. O sistema adotado deverá ser documentado de tal forma que qualquer usuário possa compreendê-lo. É desejável, ainda, que o sistema possa ser desenvolvido em qualquer tipo de equipamento, isto é, o *software* não deve ser acoplado ao *hardware*. Deve, ainda, permitir que os programas sejam escritos em qualquer linguagem.

O importante, obviamente, tanto do ponto de vista do usuário, como do administrador deve levar em consideração as possibilidades de produtos diversificados, complementares, periódicos e acumulados, em diferentes suportes físicos (tais como listagem em papel, microfichas, etc.). Logicamente, os sistemas *online* oferecem a flexibilidade e eficiência integrais, no entanto, muito se poderá realizar em estágio anterior, com processamento em *batch*.

IV – CONCLUSÃO

Fala-se, hoje, numa *arquivística mundial*. Assim, as novas técnicas aplicadas a arquivos devem assegurar um certo grau de compatibilidade que garanta o aproveitamento de experiências já levadas a cabo por outras organizações e permita a troca de informações, inclusive a nível internacional.

A viabilidade técnica da utilização de computadores em arquivos parece-nos inteiramente confirmada pelas inúmeras experiências já realizadas em diversos países e em diver-

sas etapas do processo de organização de arquivos, tais como: no registro dos documentos, à medida que são recolhidos; na etapa de inventário e catalogação das coleções; na recuperação da informação e, até, no que concerne à guarda das fitas magnéticas resultantes dos registros realizados — problema verdadeiramente sério, que demanda por conservação cara e cuidadosa.

Resta-nos, portanto, ajuizar cada caso, levando em consideração, fundamentalmente, a viabilidade econômica, a partir de um estudo do respectivo custo/benefício.

No Brasil, estamos apenas despertando para a possibilidade do uso de automação em arquivos. No entanto, podemos citar como em estágio promissor o uso de computadores em bibliotecas, pois já existe um formato nacional, que garante a compatibilidade internacional, recomendado pelo IBICT (Instituto Brasileiro de Informação com Ciência e Tecnologia) e operacionalizado pela Fundação Getúlio Vargas. Trata-se do Formato CALCO (7), adaptação do MARC II, que está sendo utilizado por uma rede de bibliotecas brasileiras, o BIBLIODATA, do qual participa, inclusive, a Biblioteca Nacional.

Seguindo o raciocínio de que, nos Estados Unidos, os formatos que permitem hoje a automação de arquivos surgiram do formato MARC, seria válido sugerir que, no Brasil, os estudos para automação de arquivos tomassem como base o Formato CALCO, cuja compatibilidade com o formato de intercâmbio internacional, UNIMARC, está perfeitamente garantida.

Sugere-se, pois, que um grupo de trabalho seja constituído, basicamente formado por servidores do Arquivo Nacional e da Fundação Getúlio Vargas, e que considere como elementos fundamentais de análise o Formato CALCO e o Formato MARC II/Manuscritos, anteriormente citados.

Abstract

The use of computers in archives for quick and precise recovery of information. The preparation of great quantities of documents of similar character and the preparation of guides to archive funds as activities that can be, and indeed are being, accomplished with the help of automation.

Archives and libraries that all over the world have adopted data processing in their operations, and a description of the processes adopted.

V — REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

(Os itens precedidos de um asterisco *, foram citados no presente trabalho).

- 1 — ARAD, A. Le automatización del registro y la indización: los archivos nacionales de Israel. *RUCIBA*, 2 (2): 128-29, abr. — jun., 1980.
- *2 — CALMES, Alan. Practical realities of computer-based finding aids: the NARS A-1 experience. *The American Archivist*, 42 (2): 167-177, apr., 1979.
- 3 — DEHITT, Ben. Archival uses of computers in the United States and Canada. *The American Archivist*, 42 (2): 152-157, apr., 1979.
- 4 — DOLLAR, Charles M. Appraising machine-readable records. *The American Archivist*, 41 (4): 423-430, oct., 1978.

5 — DUCHEIN, Michel. *Bibliographie internationale fondamentale d'archivistique. Archivum*, 25, 1978.

*6 — ESTADOS UNIDOS. Library of Congress. MARC Development Office — *Manuscripts: a MARC format*. Washington, 1973.

*7 — FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. INDOC. BIBLIOTECA CENTRAL — *Sistema de registro bibliográfico*; monografias, seriados, tabelas, acertos. Rio de Janeiro, 1979, 4 v.

*8 — HICHERSON, H. Thomas; WINTERS, Joan; BEALE, Venetia — *SPINDEX II at Cornell University and a review of archival automation in the United States*. Ithaca, N. Y., Ept. of Manuscripts & Univ. Archives, Cornell Univ., 1976. 90 p.

*9 — UNESCO — NATIS. National information systems: objectives for national and international action. Paris, 1975. 34 p.

10 — REUNION regional de expertos para el desarrollo de los archivos nacionales en América Latina. Bogotá. 1976. *Informe final*. Bogotá, UNESCO, 1976. 27 p.

*11 — ROBERACH, H.; BUCHMANN, W. *El progreso en la tecnología y la expansión del acceso*. Washington, 1976, 23 p. / Trabalho apresentado ao VIII Congresso Internacional de Arquivos.

12 — ROPER, Michael. PROMPT: the computerized requisitioning system of the United Kingdom Public Record Office at Kew. *Intern. J. of Archives*, 1 (2): 20-29, 1980.

*13 — SAHLI, Nancy. Finding aids: a multi-media, systems perspective. *The American Archivist*, 44 (1): 15-20, Winter, 1981.